

Cravinhos, uma cidade em pleno desenvolvimento

Das terras desgastadas do Rio de Janeiro, por volta de 1876, onde a produção de café já não alcançava a produtividade esperada, vieram os cafeicultores que acabaram favorecendo o surgimento da cidade de Cravinhos. O médico e cafeicultor Luiz Pereira Barreto foi um dos que



Cravinhos, que tem um dos maiores crescimentos populacionais do Estado, ainda mantém os costumes do interior

ouviram falar das terras na região de Ribeirão Preto e, chegou onde hoje fica Cravinhos. Maravilhado com a qualidade da terra e com o clima, nem cogitou se instalar em Ribeirão Preto, distante cerca de 20 quilômetros. A cidade até hoje tem na produção agrícola um dos pilares do seu desenvolvimento. Com o declínio do café outras culturas foram aparecendo, como a cana-de-açúcar, que segundo o pre-



O coreto continua sendo o ponto de encontro

feito José Carlos Carrascosa representa o ouro brasileiro na época do Brasil colônia que era extraído e enviado para Portugal, numa referência à ausência de uma usina de açúcar na cidade, que hoje é apenas fornecedora de matéria-prima.

Apesar de não possuir nenhuma usina de açúcar e álcool, Cravinhos tem indústrias importantes instaladas na cidade devido à privilegiada localização à beira da Rodovia Anhanguera. Entre as maiores indústrias estão: a Cicopal, que fabrica móveis para escritório; a Paletrans, uma grande produtora de pallets; a Grupione, que produz máquinas para a indústria de concreto; a Dow AgroSciences, empresa do setor de insumos do agronegócio; a Renk Zanini, uma grande fornecedora de equipamentos pesados para a agroindústria canavieira e uma empresa

inovadora e vitoriosa no setor pecuário, a Vitrogen, uma das pioneiras em associar as tecnologias de aspiração folicular e fecundação *in vitro*.

A proximidade com Ribeirão Preto não favoreceu o fortalecimento do comércio local. Existem dois grandes shoppings centers a menos de 15 quilômetros, em compensação a população consegue morar numa cidade pequena e pacata e trabalhar num grande centro como Ribeirão. A taxa de crescimento populacional de Cra-

vinhos é de 4,5% contra uma média de 1,8% das grandes cidades.

Os jovens mais carentes de Cravinhos não estão esquecidos. Dois programas diferentes oferecerem boas oportunidades. O projeto SARA, Serviço de Aprendizagem Rural ao Adolescente, era no início destinado aos adolescentes arrimos de família e que não poderiam mais trabalhar devido ao Estatuto do Menor e do Adolescente. Hoje são cerca de 400 jovens que têm atividades culturais e educacionais e cerca de 80 que recebem uma bolsa-auxílio e aprendem a cultivar hortaliças e produzir essências naturais. Um preparo para o exercício pleno da cidadania. O outro programa é o da Fundação Primeiro Mundo, uma idéia de Luiz de Lacerda Biagi, para promover uma maior qualificação dos futuros profissionais do mercado de trabalho brasileiro, investindo em talentos que tenham aptidões, criatividade e capacidade de realização. O Programa não fica restrito à cidade, mas apóia jovens talentos de toda a região, seja no curso de balé, no ensino de primeiro grau, na faculdade, ou no MBA. O lema da fundação é "Uma pessoa faz a diferença" e faz mesmo! Nos últimos 11 anos 400 pessoas puderam usufruir desta oportunidade.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. E-mail: abag.rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTB 15.626. Editoração eletrônica: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares



Natal sem fome. É preciso mais

A Campanha Natal sem Fome está completando 10 anos, e é hoje uma das manifestações sociais mais importantes do Brasil.

A campanha nasceu de um apelo feito em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que conclamou a sociedade para garantir que, ao menos no Natal, todos os brasileiros tivessem o que comer. Desde então a campanha vem batendo, ano a ano, recorde de arrecadação, que em 2001 foi de 4 mil toneladas, em todo território nacional.

Pela seriedade e abrangência da campanha a ABAG/RP decidiu arrecadar as mangas para também ajudar os que mais precisam. Todos os associados foram convidados a colaborar e não decepcionaram. Em menos de dez dias foram arrecadados 9 mil quilos de alimentos não perecíveis: arroz, açúcar, leite longa vida, óleo, amendoim e cestas básicas já montadas.

A entrega dos produtos foi feita no dia do lançamento da campanha na cidade de Ribeirão Preto. A primeira dama da cidade, que preside o Fundo Social de Solidariedade, Tezera Maggioni, acompanhada do pre-



Diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, entrega 9 toneladas de alimentos para a campanha Natal Sem Fome

feito Gilberto Maggioni, emocionou-se ao receber a doação. A campanha vai atender em Ribeirão Preto 2 500 famílias além das 4500 que são atendidas todos os meses.

A campanha é um paliativo, aqui ou em qualquer parte deste imenso país. A fome é resultado da má distribuição de renda e de distorções tributárias que fazem com que o pobre pague mais do que o rico pelo alimento que consome. A alimentação compromete proporcionalmente, muito mais do salário dos mais po-

bres. Segundo estudos recentes, publicados em várias revistas de circulação nacional, o peso do item alimentação no orçamento das classes A e B representa 13% da renda, na classe C 21% e nas classes D e E 30%.

A esperança de mudança nesse cenário se renova com o início de um novo governo. Que no natal do ano que vem e em todos os dias dos próximos anos o sonho de Betinho se realize e não falte comida na mesa de nenhum brasileiro.

Editorial Fome não é falta de comida

Dados recentemente divulgados pelo IBGE e pelo Fundo de População das Nações Unidas indicam que 54 milhões de pessoas (32,1% da população brasileira) vivem com menos de meio salário mínimo por mês, e destes, 10% declararam não terem tido rendimento no ano de 2001. Difícil imaginar como ainda arrumaram forças para declarar o que quer que seja.

Segundo a ONU, a realidade em todo o globo é ainda mais assustadora. São 3 bilhões de pessoas, ou a metade da população mundial, que "vivem" com menos de US\$ 2 por dia. O aumento da desigualdade no mundo só não foi acompanhado pelo Brasil, de acordo com a pesquisa, porque a queda na taxa de fecundidade de 1972 a 1994 teve um efeito de crescimento de 0,7% do PIB

per capita por ano. Racionalizações à parte, a realidade é que este imenso país também convive com a fome, causada não pela deficiência na oferta de comida, mas pela falta de renda que permita o acesso das pessoas aos alimentos produzidos.

As campanhas solidárias são importantes para resolver situações emergenciais, para garantir a sobrevivência das pessoas até que se encontre uma saída, mas estão longe de ser a solução. Não se pode criar uma legião de dependentes, mas sim meios para que as pessoas possam viver com dignidade, que passam, entre outros, pela geração de empregos, pela desoneração da cesta básica e pela redução dos desperdícios.

Mônica Bergamaschi

Roberto Rodrigues, um consenso à frente do Ministério da Agricultura

O primeiro pronunciamento feito pelo futuro Ministro da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, para produtores rurais, aconteceu na COPLANA, Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba. Foi ali que Roberto Rodrigues, há 31 anos começou a sua vida cooperativa e uma carreira de sucesso no Brasil e fora dele. O cooperativismo, segundo Rodrigues, terá papel fundamental na sua gestão à frente ao Ministério, principalmente o cooperativismo de crédito, que deverá crescer muito no Brasil. As cooperativas de crédito podem viabilizar o acesso do pequeno produtor ao crédito rural, aos que se encontram em cidades onde não há agência bancária e ainda para aqueles que não conseguem se adequar à burocracia exigida para a tomada de recursos. Como braço econômico da organização da sociedade, representa um instrumento de desenvolvimento muito importante.

Roberto explica: “O cooperativismo é um instrumento de progresso coletivo do agricultor e de outros setores da sociedade. Será um grande agente do programa Fome Zero, um programa de segurança alimentar que é prioridade para o governo que se inicia, mas é preciso ressaltar que o problema da fome não é agrícola, é um problema de renda da sociedade urbana”. É aí que Roberto começa a formatar o grande diferencial de seu trabalho no MAPA. A

sustentabilidade das cadeias produtivas virá, segundo ele, na medida em que a produção agrícola aumentar, pois será preciso usar mais adubo, mais defensivos, máquinas, embalagens, armazéns e caminhões para o transporte, mais lojas, mais empregos, portanto, o aumento da massa salarial do país.



Foto histórica na Coplana, o ex-presidente, agora ministro da Agricultura

Detentor de experiência inigualável, Roberto Rodrigues, atual presidente da ABAG Nacional, foi presidente da ACI, Aliança Cooperativa Internacional até outubro de 2001, a maior ONG do planeta, com sede em Genebra, presente em 102 países e com 800 milhões de sócios individuais. Neste período, Rodrigues, o primeiro não

Europeu a presidir a entidade, viajou por 79 países acumulando uma rica experiência e contatos internacionais importantes que poderão ser úteis no processo de negociações do comércio internacional.

A tese da defesa da democracia e da paz a partir desta abertura comercial já é conhecida, e será fortalecida com a presen-

ça de Roberto Rodrigues no MAPA, Luiz Fernando Furlan na pasta do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, e do diplomata Celso Amorim no Ministério de Relações Exteriores. Os três já vêm trabalhando juntos neste sentido e agora estão com suas vozes fortalecidas, compondo uma equipe

que raciocina na mesma direção.

Roberto relembra: “A democracia e a paz no mundo só poderão ser preservadas se pudermos reduzir a distância entre ricos e pobres, que é um abismo insuportável, uma das conseqüências negativas da economia globalizada e dos mercados liberalizados. E a única forma de reduzir esse abismo é fazer com que os países em desenvolvimento tenham mais renda, mais empregos e riqueza para que possam se aproximar dos países desenvolvidos. E não vejo nenhuma outra alternativa para que isso aconteça que não seja a abertura comercial agrícola, porque os países ricos, que têm pequenas populações rurais, são ricos e podem pagar para não produzir, ao passo que nós precisamos produzir para pagar”.

Segundo ele o Brasil precisa usar dois argumentos pesados no *front* externo. Primeiro o mercado interno brasileiro de 170 milhões de consumidores, um mercado cobiçado por qualquer país desenvolvido do mundo, um ponto que tem que ser negociado na liberalização comercial agrícola. O segundo argumento é quanto aos excedentes exportáveis: “Não há como impedir que

os países ricos, por questões políticas e sociais, subsidiem seus produtores. O que temos que dizer a eles é que isto não pode gerar excedente exportável, o que significa predação comercial”.

A nomeação de Roberto Rodrigues foi aceita por unanimidade no setor do agronegócio e quanto ao fato de não pertencer a nenhum partido político, Roberto responde: “Sou do PCCA, Partido do Cooperativismo, do Campo e do Agronegócio, que é o maior partido do Brasil, que tem 37% de todos os empregos do país, 25% do PIB e representa 41% das exportações brasileiras”. Conciliador por natureza e exímio negociador, Roberto Rodrigues tem trânsito em todos os segmentos do agronegócio.

Sobre a reforma agrária, Roberto Rodrigues lembra que o assunto é de outro ministério, porém o futuro presidente tem declarado que não haverá programa ou projeto de um ministério, que o trabalho será feito de forma integrada. Rodrigues garante que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento trabalhará enfaticamente de forma a fortalecer a reforma agrária sob uma ótica capitalista, sob uma ótica fun-

cional, para garantir renda ao pequeno produtor assentado. E mais uma vez o cooperativismo terá papel importante na mudança de paradigma na questão social e econômica da ocupação da terra.

Organização Privada

Além das urgentes reformas das políticas públicas macroeconômicas e setoriais e de pulso nas negociações internacionais, é necessário também melhorar a organização privada do setor. É neste sentido que a ABAG tem trabalhado desde a sua fundação, em 1993. Sendo uma entidade de vanguarda, defende o associativismo como o melhor caminho para o fortalecimento das cadeias produtivas, amplificando a voz do setor nas reivindicações, buscando o consenso e atuando de forma coesa para o desenvolvimento, modernização e ampliação da competitividade do agronegócio.

O trabalho daqui para frente deverá ser tanto mais intenso quanto recompensador. A tão bem recebida nomeação para o MAPA de um líder do setor, defensor do associativismo e do cooperativismo, é reflexo da consciência desta necessidade de melhor organização, de unificação dos discursos e empenho no desenvolvimento de ações conjuntas. Os reflexos destes avanços certamente se refletirão em ganhos efetivos para toda a sociedade, que deverá ser informada sobre isso. A valorização da imagem do agronegócio junto à opi-

nião pública é essencial em um país democrático, onde a maioria da população votante é urbana. Este, mais um tema exaustivamente defendido por Roberto Rodrigues.

Apesar de nos últimos dias o agronegócio estar ocupando um maior espaço na mídia brasileira, a importância do setor para a economia só passou a ter destaque nos noticiários com o despertar do governo para a vocação agroindustrial do país. As pessoas precisam saber que por ser o único setor superavitário da balança comercial, por sua capacidade de geração de empregos e renda, o agronegócio figura como a melhor alternativa, no curto e médio prazo, para a alavancagem das principais bandeiras sociais da Nação.

Na região de Ribeirão Preto, a difusão do conceito e da dimensão do agronegócio tem surtido efeitos surpreendentes. Não há quem não saiba, não tenha ouvido falar, ou não se sensibilize com a abrangência e a importância do setor. O maior negócio do Brasil começa agora a romper as porteiras das fazendas, os muros das indústrias, armazéns, supermercados, bancos e universidades. Como uma pedra atirada na água, que propaga circunferências de raios cada vez maiores, o desenvolvimento do setor será o catalisador de um gigantesco ciclo virtuoso, com melhoria da qualidade de vida e do bem estar social.



Roberto Rodrigues ladeado pelo presidente da Coplana, Roberto Cestari e o vice, Paulo Rodrigues